

BUSCANDO O CAMINHO DAS PEDRAS: NOTAS SOBRE PROCESS TRACING E SEU USO NA ABORDAGEM IDEACIONAL

TATIANA DIAS SILVA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

PAULO DU PIN CALMON
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

BUSCANDO O CAMINHO DAS PEDRAS: NOTAS SOBRE PROCESS TRACING E SEU USO NA ABORDAGEM IDEACIONAL

1. INTRODUÇÃO

Process Tracing (PT) pode ser traduzido como mapeamento ou rastreamento de processo. Trata-se de um método eminentemente qualitativo que procura examinar e analisar cadeias causais que ligam um determinado fenômeno a um determinado resultado. Collier (2011, p. 823) conceitua o rastreamento de processo como um “exame sistemático de evidência diagnóstica selecionada e analisada à luz de questões de pesquisa e hipóteses colocadas pelo investigador”. Trata-se de um instrumento analítico para descrever inferências causais a partir de evidências, em uma sequência temporal de eventos.

Bennett e Checkel (2015, p. 7) ressaltam que o método procura evidências dentro de um caso para explicar determinado fenômeno. Estes autores definem rastreamento de processo como “a análise de evidências sobre processos, sequências e conjunções de eventos dentro de um caso com o objetivo de desenvolver ou testar hipóteses sobre mecanismos causais que possam explicar causalmente o caso”.

Os dois conceitos convergem ao indicar o desenvolvimento ou teste de hipóteses, que vão servir de guia para análise da sequência de eventos. Silva e Cunha (2014) também compreendem PT como um método de pesquisa qualitativa que se baseia na construção de uma cadeia causal, a ser testada, que origina um determinado resultado. Essa análise é baseada em evidências e observação sistemática de um determinado caso. *Process Tracing* também tem sido visto com um conceito guarda-chuva, que congrega diferentes formatos e propósitos de análise sequencial de eventos, podendo ser intensivo ou extensivo (FALLETI, 2016), basear-se em narrativas históricas e/ou teste de hipóteses.

Falleti (2016) destaca diferentes abordagens de PT, que se propõem a ilustrar, gerar ou testar hipóteses e teorias. No entanto, apresenta uma abordagem própria que se propõe a esses três objetivos, sendo que o teste de hipóteses e teorias seria mais potente com o uso conjunto com o método comparativo – seria o *process tracing* guiado por teoria - *theory-guided process tracing* (TGPT). Esta autora propõe um PT de mão dupla, tanto dedutivo no teste da teoria, como indutivo, identificando no campo as sequências causais que podem apresentar uma explicação para o fenômeno. Com base nos trabalhos do sociólogo Aminzade, Falleti (2016, p. 3) define sua concepção de PT:

I define the method of theory-guided process tracing (henceforth, TGPT) as the temporal and causal analysis of the sequences of events that constitute the process of interest. Such process must be clearly conceptualized, both theoretically and operationally, with reference to previous theories. The TGPT method assumes that in these temporal sequences of events, their order is causally consequential.

Não obstante, como resalta Lima (2017), apesar de distintas, as definições de PT convergem ao identificar o método como uma ferramenta analítica e não apenas descritiva, distinguindo-se de uma simples descrição ao ter um foco de análise em relação ao fenômeno e ao ser guiada com um enquadramento teórico.

Apesar de muito evocado, não se considera que o método seja sempre muito bem entendido, aplicado com rigor (COLLIER, 2011), ou suficientemente detalhado (BENNETT; CHECKEL, 2015). Tem sido um instrumento possível para o método histórico-comparativo, que, apesar de muito utilizado nas ciências sociais, atualmente tem recebido muitos e importantes aportes no sentido de sua formalização, explicitação e sistematização, com vistas a reduzir erros inferenciais (AMORIM NETO; CÉSAR; RODRIGUEZ, 2016; BENNETT; CHECKEL, 2015).

2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Embora o *process tracing* venha sendo utilizado nas ciências sociais há décadas (FALLETI, 2016), apenas mais recentemente seu uso tem sido explicitado e sistematizado de modo mais frequente. Passa a ser uma abordagem de escolha para análise de processos causais e para compreensão de fenômenos complexos. Por sua vez, dentre os mecanismos causais, não apenas os elementos materiais têm sido privilegiados. As últimas décadas testemunharam maior relevância concedida a abordagens que consideram mais seriamente a centralidade das ideias no processo de políticas públicas (LUKIC; TOMAZINI, 2013; METHA, 2011). Beland e Cox (2011) defendem que ideias são a fonte principal do comportamento político, uma vez que moldam objetivos e estratégias, a forma de considerar (ou não) um problema, em contraposição a uma visão de que os indivíduos têm interesses claros e desenvolvem estratégias para alcançá-los.

A análise de políticas públicas por meio de métodos como o *process tracing* pode permitir maior aprofundamento da análise, ao buscar as motivações para um determinado fenômeno, valorizando a sequência e o contexto para melhor compreensão. Nessa análise, a perspectiva ideacional - em que as ideias têm papel central na análise dos fenômenos - também pode agregar elementos fundamentais, especialmente diante de fenômenos complexos.

Diante desses desafios, apresenta-se a seguinte pergunta de pesquisa: Como o *process tracing* pode contribuir para análise de fenômenos sociais complexos, em especial, aqueles que têm componente ideacional? Assim, o texto tem como objetivo analisar o método do *process tracing*, ou rastreamento de processo, a partir de seu conceito, meios de operacionalização e, em especial, aplicação para explicações causais baseadas em ideias ou crenças. Para tanto, foi percorrida literatura sobre o tema, trazendo a concepção de *process tracing* como uma abordagem ampla que busca conhecer os mecanismos causais e a sequência de eventos que conduziram a um determinado resultado.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo PT foi inicialmente cunhado na psicologia cognitiva, para analisar os passos intermediários em um processo decisório. Posteriormente, foi apropriado pelo cientista político Alexander L. George, da Universidade de Stanford, para descrever o uso de inferências em um caso com o objetivo de alcançar explicações históricas, ampliando seu escopo do nível individual para explicações macroestruturais (BENNETT; CHECKEL, 2015). Inicialmente desenvolvido na década de 1960, tem sido cada vez mais acessado pelas ciências sociais (SILVA; CUNHA, 2014).

Com efeito, Falleti (2016) destaca que, embora o PT seja utilizado nas ciências humanas e sociais, no mínimo, por mais de quatro décadas, apenas recentemente passa a compor o repertório metodológico da ciência política. Além da psicologia cognitiva, atribui sua origem aos estudos da narrativa histórica, os quais, por meio da estrutura cognitiva dos indivíduos ou dos efeitos da ação coletiva e da estrutura social, respectivamente, procuram identificar as sequências de eventos que culminam em uma determinada escolha, e não apenas o resultado do processo.

Desta forma, a proposta do PT é conhecer os mecanismos causais e a sequência de eventos que resultaram em um determinado resultado. Os métodos estatísticos tratam esse percurso como uma caixa preta - identificam-se as correlações, mas não como os fenômenos efetivamente se desenvolveram. Nesse sentido, Gomide (2011) destaca que, quando a pesquisa procura analisar as motivações para um determinado fenômeno, quando a sequência e o contexto são fundamentais, os métodos estatísticos *per se* são insuficientes.

Cunha e Leitão (2017) em análise sobre estudos que utilizaram o método, identificaram

que o Novo Institucionalismo histórico é uma das abordagens teóricas que mais utilizam o PT, tanto por meio de estudos de casos como de pesquisas com “*small-N*”. Charbonneau e outros (2016) defendem maior utilização do PT nas investigações no campo da administração pública. Avaliam que área de administração pública, talvez por seu caráter muito aplicado, é sempre retardatária em adotar novas metodologias. Embora isso possa refreá-la quanto a modismos, também limita suas possibilidades de investigação. Os autores discutem os benefícios que o PT pode trazer ao campo, uma vez que pode prover maior rigor aos estudos de casos, método bastante utilizado na área da administração pública.

Um dos elementos distintivos do PT assenta-se na explicação dos fenômenos por meio de mecanismos causais. Tilly (2001) apresenta explicações concorrentes para fenômenos políticos, entre elas estariam os céticos, que não acreditam ser possível generalizar explicações, dado o caráter intrinsecamente complexo dos fenômenos políticos; os adeptos das leis gerais, para os quais há padrões gerais para determinados fenômenos sociais e cabe ao analista estabelecer uniformidades empíricas que serão tratadas a partir dos modelos gerais; os que advogam pela propensão, onde procura-se identificar os elementos motivadores dos atores sociais no processo decisório, tais como motivação, impulso, necessidade, e como eles se produzem em outros contextos, propensos então ao mesmo fenômeno social; e a análise sistêmica, em que diferentes fatores e elementos do meio, bem como sua interação, são apresentados como fundamentais para um determinado fenômeno social.

Além dessas vertentes explicativas e seus limites, Tilly (2001, p. 25) salienta o potencial de explicações com base em mecanismos e processos, em que se procura identificar mecanismos recorrentes em processos complexos. Mecanismos são conceituados como “uma classe delimitada de eventos que mudam relações entre conjuntos específicos de elementos de modo idêntico ou muito similar em situações variáveis”ⁱⁱ. Embora os mecanismos sejam utilizados em diferentes correntes de explicação, os autores que adotam essa abordagem não pretendem buscar leis gerais para analisar os fenômenos e compreendem que mesmo mecanismos recorrentes têm efeitos diferentes de acordo com os pontos iniciais e com as demais condições contextuais. As diversas camadas do contexto (política, institucional, demográfica, ideacional, por exemplo) devem ser consideradas na análise (FALLETI; LYNCH, 2009). Os mecanismos causais podem ser ambientais, cognitivos e relacionais:

Mechanisms, too, entail choices. A rough classification identifies three sorts of mechanism: environmental, cognitive, and relational. Environmental mechanisms are externally generated influences on conditions affecting social life; words such as disappear, enrich, expand, and disintegrate—applied not to actors but their settings—suggest the sorts of cause-effect relations in question. Cognitive mechanisms operate through alterations of individual and collective perception, and are characteristically described through words such as recognize, understand, reinterpret, and classify. Relational mechanisms alter connections among people, groups, and interpersonal networks; words such as ally, attack, subordinate, and appease give a sense of relational mechanisms (TILLY, 2001, p. 24).

Para Charbonneau e outros (2016), os conceitos de tempo e mecanismos causais são elementos chave no PT. Os mecanismos causais são eventos que mudam os fatos de forma similar ao longo do tempo. Embora sejam dificilmente observáveis, o pressuposto do PT é que estes mecanismos deixam evidências, “traços” ao longo do processo, que podem ser observáveis. A análise dos mecanismos se dá ao longo do tempo, iluminada pela teoria que indica como o processo deveria ou poderia se desenvolver, em determinadas situações. Evidências, circunstanciais ou diretas, são informações às quais são atribuídas algum valor inferencial. As evidências são denominadas também de “*causal-process observations*” (CPO), que são consideradas em conjunto com generalizações, baseadas ou não em análise científica. Essas inferências podem ser testadas a fim de identificar os eventos ou processos que aconteceram, os eventos ou processos que os sucederam e a conexão causal entre eles (MAHONEY, 2012).

Inicialmente, algumas correntes de PT consideram dois tipos de testes para as evidências: um que averigua a necessidade de uma determinada condição explicativa em um mecanismo causal e outro que avalia a suficiência de uma condição explicativa. Seriam os testes denominados *hoop test* e *smoking gun test*:

A hoop test propõe que a given piece of evidence—namely, a specific causal-process observation—must be present for a hypothesis to be valid. Failing a hoop test eliminates a hypothesis, but passing a hoop test does not confirm a hypothesis. Smoking gun tests, by contrast, propose that if a given piece of evidence—namely, a specific CPO—is present, then the hypothesis must be valid. Passing a smoking gun test lends decisive support in favor of a hypothesis, though failing a smoking gun test does not eliminate a hypothesis (MAHONEY, 2012, p. 571).

A primeira fase dos testes seria estabelecer inferências que mostrem a existência da causa e do efeito analisado. Ou seja, se é possível identificar condições necessárias para existência do fenômeno avaliado. Passar nesse teste não afirma a hipótese, mas não passar já mostra sua fragilidade. Em primeiro lugar, deve-se perguntar se há evidências da existência do evento. Em segundo lugar, verifica-se se há inferências, traços de que tal causa ou resultado aconteceu. Já o *smoking gun test* faz a analogia com um crime, em que a posse de uma arma fumegante é uma condição suficiente para o crime, mas a ausência dessa prova não invalida a existência do fenômeno. Bennett e Checkel (BENNETT; CHECKEL, 2015) apresentam uma síntese dos quatro tipos de testes associados ao PT (figura 1).

Figura 1 – Testes – Process Tracing

<i>Hoop test</i>	Evidência que é certa, mas não única. Passar nesse teste não aumenta muito a confiança na hipótese, mas não passar reduz a confiança
<i>Smoking gun test</i>	Passar nesse teste afirma uma hipótese, mas não passar não é necessário para confirmá-la.
<i>Doubly decisive test</i>	Evidências que não singulares e certas, ou necessárias e suficientes
<i>Straw-in-the-wind test</i>	Aponta evidências que não são nem necessárias, nem suficientes, mas seu acúmulo pode corroborar com uma hipótese

Fonte: Bennett e Checkel (2015). Elaboração própria.

Enquanto o *doubly decisive* é um teste final, decisivo, como o nome diz, o *straw in the wind* indica traços, mas são elementos muito frágeis para sustentar alguma inferência mais direta. Collier (2001, p 825) oferece uma interessante síntese dos testes e suas consequências (figura 2):

Figura 2 - Testes de Process Tracing para inferência causal

		Suficiente para afirmar inferência causal	
		Não	Sim
		1. <i>Straw in the wind</i>	3. <i>Smoking gun</i>
Necessário para afirmar inferência causal	Não	a. Passar: afirma relevância da hipótese, mas não a confirma	a. Passar: confirma hipótese
		b. Não passar: hipótese não é eliminada, mas pouco enfraquecida	b. Não passar: hipótese não é eliminada, mas enfraquecida
		c. Implicações para hipóteses rivais Passar: as enfraquece um pouco Não passar: as fortalece um pouco	c. Implicações para hipóteses rivais Passar: as enfraquece muito Não passar: as fortalece um pouco
		2. <i>Hoop</i>	3. <i>Doubly decisive</i>
	Sim	a. Passar: afirma relevância da hipótese, mas não a confirma	a. Passar: Confirma hipótese e elimina outras
		b. Não passar: hipótese é eliminada	b. Não passar: hipótese é eliminada

		c. Implicações para hipóteses rivais Passar: as enfraquece um pouco Não passar: as fortalece um pouco	c. Implicações para hipóteses rivais Passar: as elimina Não passar: as fortalece muito
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Collier (2001, p 825). Tradução livre.

Como presente no debate sobre estudo de caso e métodos qualitativos em geral, há aqui também um debate sobre a possibilidade de generalizações no uso do PT. Como defendem Silva e Cunha (2014, p. 123)

Como método qualitativo aplicável a estudo de um caso específico, *process tracing* não produz generalizações. O uso do método pode contribuir para testar e refinar hipóteses sobre mecanismos causais, podendo ser úteis para a revisão de teorias, mas não se produzem explicações que possam ser transferidas para outros casos, mesmo aqueles considerados similares.

No entanto, Lima (2017) apresenta uma ressalva importante: que os métodos têm prós e contras e que muitas vezes as técnicas qualitativas são julgadas com rigor excessivo com base em requisitos mais caros às pesquisas quantitativas. Nesse espírito, destaca algumas críticas dirigidas ao PT: a dificuldade de estabelecer inferências causais com possibilidade de generalização e o viés de escolha em estudos com amostras pequenas. Por exemplo, ressalta que o objetivo de estudos de PT é compreender em profundidade os mecanismos causais de determinado evento e não necessariamente generalizar esse processo. Já uma possibilidade de generalização seria a identificação de casos desviantes, que poderiam falsificar determinadas teorias e, assim, ser generalizáveis.

A necessidade que os mecanismos causais sejam observáveis e não apenas inferidos é apontada como outra limitação do método. Alia-se a este o fato de que, por vezes, a análise remete a causas ainda mais distantes, estendendo em muito os limites da pesquisa (CUNHA; LEITÃO, 2017).

4.DISSCUSSÃO

Nesta seção, procura-se responder à questão inicialmente formulada, buscando identificar como o *process tracing* pode contribuir para análise de fenômenos sociais complexos, em especial, aqueles que têm componente ideacional. Talvez por se tratar de diferentes métodos possíveis dentro de uma mesma cobertura chamada PT, muitas vezes os textos sobre esta abordagem não detalham seus procedimentos mais operacionais. O que seria então necessário para realizar um estudo consistente com base em PT?

Uma preparação importante é apontada por Falleti (2016), que sugere que o pesquisador deve ter um consistente conhecimento do caso, bem como das teorias explicativas, para assim conseguir identificar as principais variáveis intervenientes e mecanismos causais envolvidos. A identificação de evidências que possam compor o diagnóstico, necessário para o método, advém de conhecimentos prévios fornecidos pelos *frameworks* conceituais, evidências empíricas recorrentes, além da formulação teórica sobre os eventos recorrentes e seu modelo explanatório. A descrição dos fenômenos é ainda mais importante no PT, pois antes de tratar das mudanças e sequência dos fatos, é fundamental descrever os passos fundamentais de cada processo, o que vai permitir compreender a mudança e a sequência causal (COLLIER, 2011).

Outro passo fundamental é considerar os limites temporais e os elementos a serem incluídos na análise. Falleti (2016) distingue em PT intensivo e extensivo. No PT extensivo, a análise inclui desde a causa, os mecanismos intervenientes e a sequência causal até chegar aos resultados. Com efeito, são analisadas as condições explicativas apenas que são importantes para explicar o efeito analisado (e não todos os aspectos de uma determinada causa). No PT

intensivo, a causa e os efeitos não são objetivo de análise. O foco é estudar o processo, os mecanismos causais que explicam o desenvolvimento de um determinado processo, como a urbanização ou descentralização, sem se ater às extremidades da cadeia causal. Ambas as estratégias tratam de mecanismos causais e sua distinção não se refere nem à profundidade nem à extensão do estudo: como dito, trata-se de incluir ou não as causas e efeitos como elementos do PT. Assim, Falletti (2016) defende que o PT extensivo é mais adequado para testar hipóteses e teorias, enquanto o intensivo para gerar teorias.

Collier (2011) sugere iniciar o PT com uma linha do tempo ou uma boa narrativa dos fatos. Gottens (2010) também considera a organização dos episódios (conjunto de eventos) em linha do tempo. A autora utilizou, como subcategorias para analisar os diferentes episódios ao longo do tempo, os tipos de eventos, além das categorias propostas em seu referencial teórico. Com base em autores como Berzelay e Gaetani (*apud* GOTTEMS, 2010), aplica tipologia de eventos circunvizinhos ao evento central analisado: seriam considerados eventos prévios e posteriores, contemporâneos ao evento central e relacionados (coincidem com o evento central e é afetado por ele). Além disso, distingue eventos locais e nacionais em sua análise, para organizar, no tempo, sua narrativa. Utilizou o método da narrativa analítica para apresentar a trajetória da Política de Atenção Primária à Saúde no DF, com um extenso recorte temporal (1979 a 2009).

Bennett e Checkel (2015) chamam atenção para pontos que consideram importantes para um PT. Seria três elementos principais: 1. Meta-teórico: estar baseado filosoficamente e ontologicamente em uma compreensão consistente da realidade social e na pluralidade metodológica. 2. Contextual: por meio do pluralismo, reconstruir a sequência causal e ampliar a compreensão do contexto. 3. Metodológico: considerar a equifinalidade e explorar caminhos alternativos que possam ter levado ao resultado investigado.

Diante dessas três orientações básicas, os autores desenvolvem 10 passos para um bom PT, sendo que parte deles (os quatro primeiros) se aplicam a análises qualitativas de forma geral (figura 3). Segundo os autores, esses passos são baseados em décadas de uso dessa estratégia, devendo funcionar como ponto de partida e *checklist* para o desenvolvimento de bons trabalhos.

Figura 3 – Orientações para desenvolver um bom *Process Tracing*

<p>1. Amplie a busca por explicações alternativas (<i>Cast the net widely for alternative explanations</i>)</p>	<p>Buscar explicações alternativas a serem verificadas, pois a hipótese a ser testada não será convincente se não as considerar. Buscar explicações oferecidas por especialistas, além de traduzir teoricamente análises de jornalistas e participantes do caso. Identificar se explicações relacionadas com o binômico agente/estrutura e categorias explicativas mais gerais de fenômenos sociais foram consideradas, como poder, instituições, legitimidade, etc.</p>
<p>2. Ser igualmente rígido com as explicações alternativas (<i>Be equally tough on the alternative explanations</i>)</p>	<p>Procurar analisar as explicações alternativas, procurando evidências, de forma a evitar o viés apenas para as explicações aventadas pelo autor. Buscar teorias implícitas ou explícitas, acadêmicas ou populares, sobre mecanismos causais e suas implicações observáveis. Identificar evidências que possam ser submetidas aos testes de hipótese. Buscar prós e contras de cada alternativa.</p>
<p>3. Considere os potenciais vieses das fontes de evidência (<i>Consider the potential biases of evidentiary sources</i>)</p>	<p>Considerar os interesses das fontes de evidência, buscando contrastar as informações fornecidas com seus interesses conhecidos e atualizar os interesses a partir das informações fornecidas. Contexto e posição de quem fala também devem ser levados em consideração.</p>
<p>4. Leve em consideração se o caso é mais ou menos provável de</p>	<p>Por meio do PT, é possível reavaliar teorias prévias. Pode-se por exemplo suscitar uma revisão da teoria, a partir do impacto de</p>

<p>suportar explicações alternativas (<i>Take into account whether the case is most or least likely for alternative explanations</i>)</p>	<p>variáveis novas descobertas na pesquisa.</p>
<p>5. Tome uma decisão justificável sobre quando começar (<i>Make a justifiable decision on when to start</i>)</p>	<p>Embora sempre arbitrário, o ponto de partida não deve ser tão distante ou muito próximo do resultado estudado. Uma possibilidade é identificar conjunturas críticas em que caminhos alternativos poderiam ser tomados diante de uma dependência de trajetória. O ponto de partida pode ser baseado em um ator estratégico, em situações como seu ingresso no contexto ou alteração em alguma de suas características.</p>
<p>6. Seja implacável em reunir provas diversas e relevantes, mas faça uma decisão justificável sobre quando parar (<i>Be relentless in gathering diverse and relevant evidence, but make a justifiable decision on when to stop</i>)</p>	<p>Buscar cercar as evidências por meio de triangulação de fontes, para evitar que diferentes evidências de uma mesma fonte, e com os mesmos vieses, confundam o pesquisador se corroborando mutuamente. Mesmo buscando evidências diversas e em profundidade, o pesquisador deve parar quando as evidências se tornam repetitivasⁱⁱⁱ.</p>
<p>7. Combine PT com comparações de casos quando útil para o objetivo da pesquisa e viável (<i>Combine process tracing with case comparisons when useful for the research goal and feasible</i>)</p>	<p>Sempre que possível, promover desenhos de pesquisa com casos comparados, pois permite, por meio de acompanhamento de variáveis similares ou díspares, analisar resultados comuns ou diferentes e assim reforçar as hipóteses da pesquisa.</p>
<p>8. Estar aberto para insights indutivos (<i>Be open to inductive insights</i>)</p>	<p>Uma das vantagens apontada do uso do PT é a possibilidade de identificar fatos e evidências inusitados ao longo do detalhamento da sequência de eventos. Nesse sentido, é preciso explorar essas oportunidades e tratar de explicá-las teoricamente [ou indicar novas agendas de pesquisa.</p>
<p>9. Use a dedução para perguntar "se a minha explicação é verdadeira, qual será o processo específico que leva ao resultado? (<i>Use deduction to ask "if my explanation is true, what will be the specific process leading to the outcome?"</i>)</p>	<p>O pesquisador deve, a priori, tentar estabelecer seus pressupostos sobre o processo e detalhar os caminhos a serem percorridos antes de iniciar o PT. Além disso, é preciso buscar operacionalizar ao máximo os pressupostos teóricos em relação ao caso a ser analisado.</p>
<p>10. Lembrar que PT conclusivo é bom, mas nem todo bom PT é conclusivo. (<i>Remember that conclusive process tracing is good, but not all good process tracing is conclusive</i>)</p>	<p>Quando não for possível obter todas as evidências e houver mais de uma hipótese plausível, por exemplo, é importante deixar claro o nível de incerteza. Essa honestidade dará mais credibilidade à análise.</p>

Fonte: Elaboração e tradução próprias a partir de (CHECKEL; BENNETT, 2015, p. 261).

Bennett e Checkel (2015) pontuam desafios do PT em diferentes correntes teóricas. Na análise cognitiva, destacam o desafio de conseguir identificar as crenças dos atores. Uma estratégia apontada é comparar discursos públicos e discursos privados, dando preferência aos segundos. Há que se considerar também os vieses de discursos públicos e estruturados, cuja autoria pode até mesmo ser de assessores e não do ator em questão, além de tentarem reduzir

atritos e conquistar mais apoio em um determinado cenário. Por sua vez, evidências de crenças socialmente estigmatizadas devem ser mais difíceis de encontrar do que aqueles socialmente aceitas e a ausência dessas duas categorias de crenças deve ser interpretada de forma diferente.

4.1. *Process tracing* e ideias

Abordagens que destacam o papel das ideias no processo de produção de políticas públicas têm conquistado espaço progressivo nas análises acadêmicas (BÉLAND, 2016; GARCE, 2015; LUKIC; TOMAZINI, 2013; METHA, 2011). Campbel (2002) pontua que os estudiosos têm se concentrado em compreender como o auto-interesse afeta a política e o policymaking, mas poucos se detinham ao papel das ideias nesse processo. Isso começa a mudar nos anos 1990, em oposição à teoria da escolha racional. Todavia, a visão das ideias mais recentemente passa a ser considerada até mesmo por essa corrente. De fato, desde a década de 1980, o papel das ideias passou a ser mais central, especialmente com a ascensão do novo institucionalismo e declínio do behaviorismo e da teoria dos sistemas. O interesse por temas como *agenda-setting* também favoreceu melhor posicionamento das ideias no debate sobre políticas públicas. Em áreas como relações internacionais, história, ciência política, estudos sobre gênero e raça, a abordagem ideacional tem sido constantemente valorizada. As ideias podem ser consideradas como a fonte principal do comportamento político, uma vez que moldam objetivos e estratégias, a forma de considerar (ou não) um problema, em contraposição a uma visão de que os indivíduos têm interesses claros e desenvolvem estratégias para alcançá-los (BÉLAND; COX, 2011).

Por certo, verifica-se que a ascensão da perspectiva ideacional tem como contraparte o maior questionamento às abordagens utilitárias e racionalistas, que se apresentam insuficientes tanto para compreensão do contexto social, como para intervenção nesse ambiente. Por isso, a abordagem trazida por Jacobs (2015) mostra-se bastante útil para adequar o método às dificuldades inerentes ao mapeamento das ideias. Além de isolar e considerar ideias no âmbito dos CPO, Jacobs (2015) destaca a dificuldade em mapear efeitos causais de ideias, uma vez que estas são difíceis de mensurar e estão, em geral, correlacionadas com outras causas para os mesmos resultados.

Uma teoria ideacional (ou explicação de um resultado) seria “uma teoria causal (ou uma explicação) na qual o conteúdo de uma estrutura cognitiva influencia as respostas dos atores para uma situação de escolha, e na qual esta estrutura cognitiva não é completamente endógena a aspectos objetivos e materiais da situação de escolha a ser explicada”^{iv} Nas causas materiais, o processo decisório se baseia em elementos objetivos, interesses materiais, diferentes estratégias possíveis ou consideradas em uma análise de custo benefício. Na abordagem ideacional, a análise do processo decisório está baseada no conteúdo cognitivo dos atores, que pode se referir aos valores atribuídos pelos atores a diferentes alternativas, a relação entre meios e fins, ou nos valores que os atores carregam. O que distingue uma abordagem ideacional é que a mudança nas ideias não decorre de condições intrínsecas aos elementos materiais, elas são exógenas às condições materiais da escolha em si (JACOBS, 2015).

A partir desse conceito, os testes a serem aplicados a uma explicação ideacional devem buscar os seguintes tipos de evidência: “a) os decisores possuíam determinadas ideias (mensuração da variável independente); b) essas ideias moldaram suas escolhas (evidência de mecanismos de influência) e; c) essas ideias não eram simplesmente redutíveis a aspectos materiais das circunstâncias da escolha (evidência de exogeneidade da variável independente)”(JACOBS, 2015, p. 45).

Esses requisitos encontram importantes desafios. Em primeiro lugar, as ideias não são fáceis de mensurar, geralmente baseadas no depoimento dos atores, que podem ser escassos e enviesados. Os atores tendem a esconder as crenças reprováveis socialmente ou sobrepor

interesses materiais com crenças socialmente apreciadas. Outro ponto é que estabelecer o mecanismo causal torna-se mais difícil à medida que este não é explicitado na interação social, como em mecanismos materiais, prevalecendo no nível intrapessoal. Segundo Jacobs (2015), quando a variável independente é mais comum, como instituições ou organização de interesses, embora os mecanismos causais não sejam evidentes, eles se evidenciam por meio da comunicação e da interação social. Por fim, verifica-se o desafio da multicolinearidade, quando não é possível verificar que a variável explicativa varia independentemente de outras alternativas. Na variável ideacional, há uma tendência de variação com as causas materiais. Um exemplo dado pelo autor é o efeito da delegação. O principal tende a escolher agentes que comunguem de suas ideias. Quando o agente vai decidir, será o incentivo à fidelidade ao principal ou a suas próprias ideias que vão motivar a decisão?

Diante desses desafios, Jacobs (2015) apresenta uma série de estratégias que para enfrentar a natureza da pesquisa com base em uma explicação ideacional. As estratégias são relacionadas com os desafios a que são direcionadas e complementadas com exemplos de estudos de referência que as utilizaram. Elas se concentram em quatro tipos de testes:

1. measuring the independent variable: identifying decision-makers' sincere ideational commitments;
 2. establishing the exogeneity of the independent variable: identifying an ideational source external to the choice situation being explained;
 3. finding evidence of a causal mechanism: establishing that the relevant ideas were applied to the choice being explained.
- In addition, certain tests discussed below complement the first three tasks by:
4. reducing multicollinearity: identifying and exploiting independent variation in possible material and ideational causes. (JACOBS, 2015, p. 48).

No quadro abaixo (figura 4), são selecionadas algumas estratégias que foram consideradas mais úteis para a pesquisa. A seguir, serão explicados os testes a serem realizados.

Figura 4 – Estratégias para explicações ideacionais

Requisitos	Estratégias	Justificativa
Mensuração da variável independente (1)	A – Analisar comunicação, preferencialmente voltada para círculos privados	Nos círculos privados, especialmente entre pessoas com as mesmas crenças, é mais provável que o tomador de decisão exponha mais claramente seus objetivos, inclusive para persuadir os demais. Quando a comunicação é dirigida para o público, a tendência é colocar o tema em termos mais aceitáveis socialmente. No entanto, mesmo em círculos privados, os atores usam estratégias para persuadir os demais, ao enfatizar, publicizar ou esconder suas ideias.
Evidência de mecanismos de influência	A – Analisar comunicação, preferencialmente voltada para círculos privado	Pode-se identificar não apenas a natureza da ideia, mas também os mecanismos causais que implicam sua influência em determinado processo decisório.
	B – Desvendando a natureza dos resultados das decisões	Deve-se questionar se o resultado seria o que os atores desejavam ao tomar uma decisão baseado em um conjunto determinado de ideias e crenças. Ou seja, analisar a adequação entre o resultado e as linhas de raciocínio alternativas para alcançá-lo, diante das condições dos tomadores de decisão em determinado momento, pode contribuir para identificar mecanismos causais. Deve-se considerar desvios desses caminhos, em decorrência de conflitos e

		conciliação no processo decisório.
Evidência de exogeneidade da variável independente/redução da multicolinearidade	C – Examinar covariação ao longo do tempo	Fatores materiais e ideacionais que variam conjuntamente podem apresentar divergências ao se alongar além do caso ou ao variar em diferentes fases temporais dentro do caso.
	C1 – variação na estabilidade e na mudança	As ideias são consideradas menos susceptíveis a mudanças. Se as ideias continuam estáveis e as decisões idem, mesmo frente à mudança de fatores materiais, pode se identificar sua exogeneidade e importância causal em determinadas decisões.
	D - Examinar a covariação dentro de um recorte transversal dentro de um caso	Analisar indivíduos ou grupos expostos a mesmos interesses materiais, mas que variam suas decisões de acordo com suas experiências pessoais e crenças derivadas delas.
	E – Traçando difusão ideacional	Observar rastros das ideias ao longo do processo de difusão
	E1. Identificando as origens das ideias	Se as ideias são exógenas a condições materiais, sua fonte deve ser exógena e antecedente à decisão analisada ^v
	E2. Identificando caminhos para transmissão das ideias	Não basta a origem da ideia ser antecedente e exterior à decisão, há que se identificar que os agentes decisórios tiveram contato com a ideia por meio de um determinado caminho.
	E3. Identificando indivíduos com determinadas ideias no processo decisório	Identificar participação de indivíduos com determinadas ideias no espaço do processo decisório e com alguma possibilidade de interferência ^{vi} (ingresso não apenas pontual, mas com participação ao longo do tempo. Entrada apenas pontual pode ser vista como estratégia para disfarçar interesses materiais).

Fonte: (JACOBS, 2015). Elaboração própria.

(1) Inclui-se também os testes E1 e E3. E1: ajuda identificar ausência de vieses na comunicação das ideias. E3: Identificar o portador das ideias auxilia a identificação da variável.

A seguir, detalham-se as estratégias mencionadas acima:

A - Análise da comunicação: a fala dos atores pode revelar tanto suas ideias como os mecanismos causais em que se baseia determinado processo decisório. Como a fala é enviesada e pode ser enganadora, é prudente averiguar qual a audiência. Nesse caso, discursos dirigidos para públicos menores são preferíveis, pois aqueles feitos para grandes audiências geralmente tentam agradar a todos e usar elementos mais aceitos socialmente.

Evidências nessa análise são necessárias (hoop test). No entanto, há que se analisar as circunstâncias e tipos de dados, pois, mesmo sem encontrar nada, não quer dizer que a ideia não exista e não tenha motivado os atores. Um aspecto fundamental é analisar em que contexto, mesmo em ambientes privados, os discursos foram proferidos (podendo ser estrategicamente posicionados para atrair seguidores) e em que condições foram divulgados (podendo ser selecionado o que se quer divulgar).

B - Analisando os resultados das decisões: verificar se os resultados das decisões correspondem à motivação enunciada.

C - Exame da covariância ao longo do tempo: Considerando o risco da multicolinearidade, são propostos testes que possam identificar variâncias independentes entre fatores ideacionais e materiais.

Teste da estabilidade e mudança ao longo do tempo: crenças e ideias são mais resistentes a mudanças. No entanto, sua análise ao longo de um determinado tempo pode permitir identificar padrões consistentes de decisão, mesmo quando as condições materiais mudam. Se

as ideias não mudam, mesmo com mudanças materiais nos processos decisórios, ela pode configurar um fator consistente ao longo do tempo e não apenas uma justificativa a posteriori para as decisões.

Destaca que há outras situações que podem corroborar com a teoria à medida que as ideias mudam ao longo do tempo, a exemplo de situações em que as ideias e seus resultados falham e é esperado que os atores mudem o curso cognitivo.

D - Examinar a covariação dentro de um recorte transversal dentro de um caso: Procura analisar a covariação entre os posicionamentos dos atores e suas ideias e interesses materiais

E – Traçando difusão de ideias: A origem das ideias: se o fator ideacional é exógeno, a sua fonte também deve ser exógena e anterior à decisão a ser tomada. No entanto, deve-se ficar atento, pois essa causa pode não ser suficiente, pois os tomadores de decisão podem pinçar ideias para justificar seus interesses materiais.

Transmissão das ideias: além de existir e ter fonte exógena ao processo decisório, o framework ideacional precisa estar disponível para os atores que vão tomar decisão. Uma das possibilidades de disseminação é o contato com novas ideias por meio de intercâmbio de atores decisórios

Identificando “transportadores” móveis: Procura-se identificar que atores no processo decisório tiveram contato com determinada ideia. Quando o portador da ideia é externo, menor o risco de tentar dissimular suas ideias. Ele precisa não apenas ter acesso ao ambiente do processo decisório, mas também ser influente. Um ponto importante é que o portador pode ser escolhido estrategicamente para encobrir interesses materiais. Por isso, sua contribuição deve ser avaliada ao longo do tempo e não de forma pontual.

No contexto desse protocolo, cabe incluir três elementos básicos do PT em abordagens ideacionais: ampliar a extensão e profundidade do estudo, para identificar fatores ideacionais, bem como distingui-los de fatores materiais; analisar a fundo os processos que geraram os dados analisados, para se cercar dos vieses em sua produção, reprodução, edição, publicização; e o papel da teoria em especificar os mecanismos causais e promover melhores análises (JACOBS, 2015).

5. CONCLUSÃO

Este texto teve como objetivo analisar o método do *process tracing*, ou rastreamento de processo, a partir de seu conceito, meios de operacionalização e, em especial, aplicação para explicações causais baseadas em ideias ou crenças. Para tanto, foi percorrida literatura sobre o tema, trazendo a concepção de *process tracing* como uma abordagem ampla que busca conhecer os mecanismos causais e a sequência de eventos que resultaram em um determinado resultado. Entretanto, não há um caminho único de *process tracing* e variados autores propõem opções metodológicas diferentes com este mesmo objetivo. Nesse sentido, o *process tracing* pode ser extensivo ou intensivo, mais estruturado, com aplicação de testes lógicos, ou baseado em narrativas históricas.

Diante dessas variadas possibilidades dentro da cobertura do *process tracing*, muitas vezes as análises que se valem dessa metodologia não detalham suficientemente seus procedimentos. Por essa razão, optou-se por investigar melhor a operacionalização dessa abordagem, incluindo listas de verificações que podem ser muito úteis para desenvolvimento de futuras investigações. Por fim, procurou-se aprofundar no debate do *process tracing* em caso de teorias explicativas baseadas em ideias, ou a partir de mecanismos cognitivos ou por meio de evidências dessa natureza. Pode-se concluir que o uso do PT pode contribuir, de forma relevante, para análises que visam investigar de modo mais aprofundado a sequência dos

eventos e a relação de causalidade em um determinado fenômeno social, utilizando ferramenta qualitativa. Por sua vez, sua utilização visa explicitar o caminho metodológico que é perseguido por determinadas análises qualitativas, aumentando sua confiabilidade e potencial de replicação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM NETO, O.; CÉSAR, J.; RODRIGUEZ, C. O novo método histórico-comparativo e seus aportes à ciência política e à administração pública. **Rev. Adm. Pública — Rio de Janeiro**, v. 50, n. 6, p. 1003–1027, 2016.
- BÉLAND, D. Ideas and Institutions in Social Policy Research. **Social Policy & Administration**, v. 50, n. 6, 2016.
- BÉLAND, D.; COX, R. H. Introduction - Ideas and Politics. In: BÉLAND, D.; COX, R. H. (Eds.). . **Ideas and Politics in Social Science Research**. [s.l.] Oxford University, 2011.
- BENNETT, A.; CHECKEL, J. Process tracing: from philosophical roots to best practices. In: BENNETT, A.; CHECKEL, J. T. (Eds.). . **Process Tracing: From Metaphor to Analytic Tool**. [s.l.] Cambridge University Press, 2015.
- CAMPBELL, J. L. Ideias, politics and, public policy. **Annual Review of Sociology**, n. 28, p. 21–38, 2002.
- CHARBONNEAU, E. et al. Process Tracing in Public Administration: The Implications of Practitioner Insights for Methods of Inquiry. **International Journal of Public Administration**, v. 40, n. 5, p. 434–442, 2016.
- CHECKEL, J. T.; BENNETT, A. Beyond metaphors: standards, theory, and “where next”. In: **Process Tracing: From Metaphor to Analytic Tool**. [s.l.] Cambridge University Press, 2015.
- COLLIER, D. Understanding process tracing. **PS - Political Science and Politics**, v. 44, n. 4, p. 823–830, 2011.
- CUNHA, E. S. M.; LEITÃO, C. E. **Potencial do uso de Process Tracing na análise dos fenômenos políticos**. no 9º Congresso Latino-americano de Ciência Política. **Anais...Montevideu: Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP)**, 2017
- FALLETI, T. G. Process tracing of extensive and intensive processes. **New Political Economy**, v. 21, n. 5, p. 455–462, 2016.
- FALLETI, T. G.; LYNCH, J. F. Context and Causal Analysis. **Comparative Political Studies**, v. 42, n. 9, p. 1143–1166, 2009.
- GARCE, A. El institucionalismo discursivo como oportunidad: La ciencia política latinoamericana y el estado del arte en la literatura sobre el poder político de las ideas. **Polít. gob**, v. 22, n. 1, p. 199–226, 2015.
- GOMIDE, A. **A Política das Reformas Institucionais no Brasil: a reestruturação do setor de transportes**. [s.l.] Escola de Administração de Empresas de São Paulo., 2011.
- GOTTEMS, L. B. D. Análise da Política de Atenção Primária À Saúde. p. 1–285, 2010.
- JACOBS, A. M. Process tracing the effects of ideas. In: BENNETT, A.; CHECKEL, J. (Eds.). . **Process Tracing: From Metaphor to Analytic Tool**. [s.l.] Cambridge University Press, 2015.
- LIMA, I. A. DE. Técnicas Qualitativas Em Análises De Causalidade: Aplicações Do Process Tracing. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 8, n. 1, p. 128–143, 2017.
- LUKIC, M. R.; TOMAZINI, C. As ideias também importam: a abordagem cognitiva de políticas públicas no Brasil. In: LUKIC, MELINA R.; TOMAZINI, C. (Ed.). . **As ideias também importam: abordagem cognitiva e políticas públicas no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2013.
- MAHONEY, J. The Logic of Process Tracing Tests in the Social Sciences. **Sociological**

Methods and Research, v. 41, n. 4, p. 570–597, 2012.

METHA, J. The Varied Roles of Ideas in Politics: From “Whether” to “How”. In: BÉLAND, D.; COX, R. H. (Eds.). . **Ideas and Politics in Social Science Research**. [s.l.] Oxford University Press, 2011.

SILVA, F. M. E.; CUNHA, E. S. M. Process tracing e produção de inferência causal. **Revista Teoria e Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 104–125, 2014.

TILLY, C. MECHANISMS IN POLITICAL PROCESSES. **Annu. Rev. Polit. Sci.**, v. 4, n. 21, p. 21–41, 2001.

ⁱ “Process tracing as the analysis of evidence on processes, sequences, and conjunctures of events within a case for the purposes of either developing or testing hypotheses about causal mechanisms that might causally explain the case”

ⁱⁱ “Mechanisms form a delimited class of events that change relations among specified sets of elements in identical or closely similar ways over a variety of situations.”

ⁱⁱⁱ “That is, a researcher should stop pursuing any one stream of evidence when it becomes so repetitive that gathering more of that same kind of evidence has a low probability of revising their estimate of the likely accuracy of alternative explanations.” (BENNETT; CHECKEL, 2015, p. 28).

^{iv} “I conceptualize an ideational theory (or explanation of an outcome) as a causal theory (or explanation) in which the content of a cognitive structure influences actors’ responses to a choice situation, and in which that cognitive structure is not wholly endogenous to objective, material features of the choice situation being explained.” (JACOBS, 2015, p. 44).

^v “Moreover, not just any intellectual antecedent will satisfy the hoop test. The source must have been sufficiently prominent and credible to have influenced the intellectual environment in which the case is situated..” (BENNETT; CHECKEL, 2015, p. 66).

^{vi} “In this respect, the most “useful” carriers will have a prior track record of activity outside of politics – i.e. in an intellectual or professional setting in which the incentives for strategic misrepresentation of beliefs are limited. Second, for their ideas to have explanatory power, the carriers must not only take up residence within major loci of authority; they must have sufficient influence within a venue for their ideas to shape its outputs.” (BENNETT; CHECKEL, 2015, p. 68).